



Volume III - vencedor na modalidade literatura infantil

Flávia Ribas
com ilustrações de Carmen San Thiago
e participação de Débora Noal

As cores de Tó



EDUFES



Volume III . vencedor na modalidade literatura infantil

Flávia Ribas
com ilustrações de Carmen San Thiago
e participação de Débora Noal

As cores de Tó

 **EDUFES**

Vitória, 2021



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



EDUFES
EDITORA

Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete

Zenólia Christina Campos Figueiredo

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade, Eneida
Maria Souza Mendonça, Fátima Maria Silva,
Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena Freire
Martins, José André Lourenço, Marcelo Eduardo
Vieira Segatto, Marcos Vogel, Margarete Sacht
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Sandra Soares
Della Fonte, Sérgio da Fonseca Amaral

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim
Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta
Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,
Marcos de Alarcão, Maria Augusta
Postinghel, Maria de Lourdes Zampier



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Preparação de texto

George Vianna

Projeto gráfico e diagramação

Juliana Braga

Capa

Willi Piske Jr.

Revisão de texto

Fernanda Scopel

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Ribas, Flávia
R482c As Cores de Tó [recurso eletrônico] / Flávia Ribas com
ilustrações de Carmen San Thiago e participação de Débora
Noal. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2021.
49 p. : il. - (4º Prêmio Ufes de Literatura ; v. 3)
ISBN: 978-65-88077-20-7
Também publicado em formato impresso.
Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil
brasileira. I. San Thiago, Carmen. II. Título. III. Série.

CDU: 087.5

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

Esta obra foi composta com
as famílias tipográficas PT Serif.

Literatura e universidade

A iniciativa de produzir textos literários é um gesto de criação artística movido pela força inventiva da sensibilidade, do conhecimento, de técnicas e vivências de cada autor. Nesse universo de criatividade, o Prêmio Ufes de Literatura torna-se uma ação importante consolidada na Universidade Federal do Espírito Santo. É uma ferramenta que impulsiona a criação literária e estimula a produção de textos em diferentes faixas: poesia, conto, crônica, romance, dramaturgia, literatura infantil e literatura juvenil. Em sua quarta edição, o Prêmio é referência para escritores veteranos e iniciantes da produção literária, contemplando públicos diversos, de todas as idades – de crianças a octogenários.

Para além do universo regional, o Prêmio atrai a atenção de participantes de muitos lugares. Em sua atual edição, alcançou o recorde de participações – 683 originais inscritos. Enviaram seus trabalhos escritores de 24 estados brasileiros e de nove países de quatro continentes. Vale o registro de que a nossa Universidade sediou as edições mais recentes da Feira Literária Capixaba, apontando para uma consistente política cultural que valoriza a produção regional e estimula a formação de novos leitores. Com o Prêmio Ufes de Literatura, a Universidade reafirma suas potencialidades para também fomentar a produção literária.

O concurso é organizado pela Edufes, que em sua produtiva trajetória de 24 anos possibilita maior visibilidade à produção acadêmica da Universidade e oferece fundamental contribuição para o compartilhamento do saber. Após terem a qualidade de seus trabalhos reconhecida e aceita em um concurso de tamanha dimensão, creio que todos os participantes desta edição do Prêmio estão plenamente motivados a dar continuidade ao ofício da produção literária. A comunidade universitária, certamente, sente-se orgulhosa pelo trabalho de excelência desenvolvido pela competente e criativa equipe da Editora da Ufes. Parabéns a todos os participantes do Prêmio, aos escritores vencedores e, especialmente, à Edufes e às comissões julgadoras e de organização pela bem-sucedida realização.

Reinaldo Centoducatte

Reitor

Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Editora da Ufes deseja colaborar com tal gesto, realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quarta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreados ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do IV Prêmio Ufes de Literatura – 2019/2020.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades. Foram 683 originais inscritos nas seis categorias: 213 em Poesia, 156 em Contos e crônicas, 140 em Romance, 79 em Literatura infantil, 56 em Dramaturgia e 39 em Literatura juvenil. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da literatura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos seis contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil (24, exatamente), além de 23 inscrições vindas de vários países (Angola, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão, Moçambique, Portugal). Os lugares onde residem os seis escritores contemplados dão bem a mostra da diversidade de que se reveste o Prêmio: Brasília (DF), Criciúma (SC), Franca (SP), Recife (PE), São Paulo (SP) e Tennessee (EUA). Outro dado relevante nos diz que houve participantes entre 9 e 84 anos que colocaram suas obras para a apreciação das comissões, sinal de que a literatura se parece àquela quadra de João Cabral em “Menino

de engenho”, de *A escola das facas*: “Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se.” – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos, isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio desse porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora da Ufes, decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Agradeço, então, de modo sincero e comovido, aos colegas & servidores públicos da Edufes: Douglas, Josias, Tânia, Washington (setor administrativo); Fernanda, George, Jussara, Roberta (setor de revisão); Ana Elisa, Juliana, Samira, Willi (setor de *design*); e Adriani, Augusta, Delu, Dominique, Marcos (setor de comercialização): valeu, valeu mesmo!

Em tempos obscurantistas e regressivos, de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

Wilberth Salgueiro
Diretor da Edufes

Comissões

Membros da Comissão Organizadora:

Douglas Salomão (Edufes)

Fernanda Scopel (Edufes)

Wilberth Salgueiro (Edufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Contos e crônicas:

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)

Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)

Rafaela Scardino (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Dramaturgia:

Andréia Delmaschio (Ifes)

Leni Ribeiro Leite (Ufes)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura infantil:

Gabriela Rodella (UFESB)

José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Paulo Roberto Sodré (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura juvenil:

Benedito Antunes (Unesp)

Fabiane Verardi (UPF)

Maria Am lia Dalvi (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Poesia:

Diana Junkes (UFSCar)

Raimundo Carvalho (Ufes)

Susana Souto Silva (Ufal)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Romance:

Fabíola Padilha (Ufes)

Flávio Martins Carneiro (Uerj)

Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

Premiados

Modalidade Contos e crônicas

Ruínas, de Lúcia Nascimento (São Paulo)

Modalidade Dramaturgia

Sentença, de Eduardo Aleixo Monteiro (Pernambuco)

Modalidade Literatura infantil

As cores de Tó, de Flávia Ribas (Distrito Federal)

Modalidade Literatura juvenil

As matrioskas, de Cristiane Dias (Santa Catarina)

Modalidade Poesia

Ucideia, de Felipe de Oliveira Fiuza (Estados Unidos)

Modalidade Romance

A filha de Mrs. Dalloway, de Vanessa Maranhã (São Paulo)

Para Bia e Gabi, que têm uma mãe colorida.

*Para Chloe, que empresta sua mãe para cuidar
de crianças que perdem as cores.*

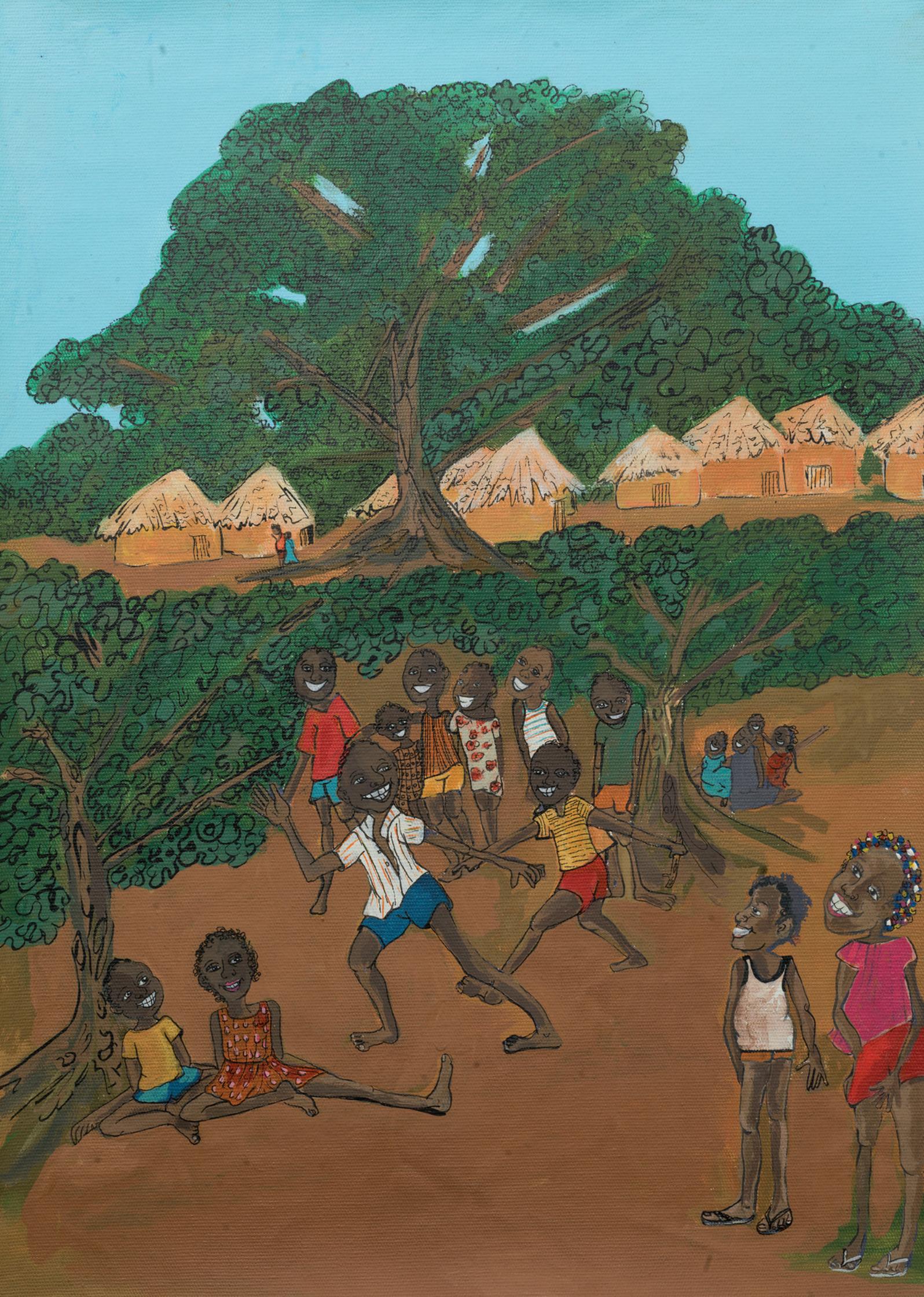


Meu nome é Tó e tenho 9 anos.

Na minha terra, a vida é colorida. Tem azul no céu. Verde nas plantações. Cor-de-rosa no abraço da minha mãe. Amarelo nas flores e nas frutas. Cor de laranja no sabor da comida deliciosa que a minha avó prepara.



A minha aldeia é linda. Branco é o meu sorriso e também são brancos os sorrisos dos meus irmãos e amigos quando a gente brinca debaixo das árvores.



Minha prima Anna tem o sorriso mais branco do mundo. O sol brilha mais quando Anna sorri. O céu fica laranja no fim do dia. Na noite escura, tem a lua. Ela e as estrelas são da cor brilhante.



Todas as cores do mundo estão nos panos das mulheres que vêm e vão, trazendo água. Dias de música e dança são arco-íris, de todas as cores. Eu e minha prima Anna ficamos sentados no canto, vendo as cores dançarem nos panos das mulheres. Gosto de ouvir o som que seus pés fazem quando batem no chão. Tum-tum. Tum-tum.



Teve um dia estranho, em que a minha vida ficou cinza e se apagou.

Chegaram uns homens com pincéis bem grandes, com uma tinta confusa e barulhenta. Eles misturaram todas as cores. Os olhos de toda a gente ficaram vermelhos de medo.



Nós tivemos de fugir. Eu e minha prima Anna corremos para o mato, assustados porque as cores sumiram.

Todo mundo correu, mas nem todo mundo conseguiu escapar. O vermelho misturou-se com o marrom do chão. O céu encheu-se de fumaça preta.



Nossa casa não era mais casa, ficou sem cor. Minha aldeia ficou cinza. A vida ficou parecendo um carvão. Naquele dia, a tristeza transformou-se em uma mancha cinzenta que tomou conta de todo o meu corpo. Não encontrei espaço para nenhuma outra cor. A incerteza do amanhã deixou tudo assim, sem graça, sem vida.



Todo dia eu chorava um pouquinho, esperando que as lágrimas lavassem aquele cinza que tomou conta de mim e trouxessem as cores de volta aos meus olhos. O sol nascia todo dia, mas os seus raios não conseguiam iluminar meus olhos nem meu coração. Só traziam mais medo e mais dor.

Tentei lembrar como me sentia quando a vida era colorida, mas aquela mancha cinzenta não me deixava ver.



— Anna, você lembra que cores tinha a nossa aldeia?

Anna fazia que “não” com a cabeça.

— Acabou a cor e acabou a música, Tó.

Eu só queria ver e viver o mundo colorido de novo. Sentir o colo cor-de-rosa do carinho. Sentir o gosto laranja de comida da minha avó. Encontrar o brilhante da lua. Esfreguei os olhos. Lavei com muitas lágrimas, mas as cores não apareciam.

— Anna, vamos fugir para encontrar as cores?

— Fique aqui, Tó. Lá fora é mais cinza ainda. Fique aqui.



Estava de dia. Nós ficamos os dois em silêncio.
Deitei-me na terra para descansar.

Ouvi o barulho do vento. E o tum-tum que
o chão fez dos passos de alguém que se
aproximava. Tum-tum. Tum-tum.

— Anna, você está ouvindo?

— O que, Tó?

— Deita, ouve aqui.



Aquele barulho parecia até o som da dança em dia de festa na aldeia. Noite com brilho azul. E o vento me lembrou de uma canção que eu gostava de ouvir a minha mãe cantar. Como num dia que tinha cor de sorriso.

— Lembra, Anna?

Olhei para ela e o sorriso dela se acendeu também.

Quando me lembrei da última vez que dançamos, um pinguinho de cor entrou no meu olhar cinzento. Foi só um pouquinho de cor. Aquilo me fez sentir tão bem!



Descolei o ouvido do chão e apanhei um punhado de terra. Com um punhado de lágrimas, a terra virou lama. Amassei com força e com raiva: botei tristeza também. Fiz um bolinho assim sujo, ainda cinzento. Amassei bem forte com as minhas mãos.

— Olha, Anna.

— O que é isso, Tó?

— Isso é a minha dor, Anna. Meu coração está doendo. A minha cabeça está doendo. Estou cansado. Eu não quero a dor aqui, mas não consigo tirá-la de dentro de mim. Me ajuda?



Ela puxou meus braços, meu peito, tentou empurrar. E nada deu certo. Fiquei segurando o bolinho na mão.

Anna apanhou mais terra. E chorou mais ainda para que a terra virasse lama.

Fez um bolo parecido com o meu.

— Eu também sinto essa dor. Assim, ó — e me mostrou uma bola, maior do que as minhas mãos.

— Vamos cavar um buraco, Tó — ela disse.



Fomos correndo até a grande árvore do campo. Com a ajuda de um galho e algumas pedras, fizemos um buraco bem grande. Nas raízes daquela árvore, enterramos os nossos bolinhos de dor. Anna me ajudou e juntos cantamos uma música que a avó nos ensinou.

Quando eu terminei de cavar e tapar o buraco, uma folha verde caiu do meu lado. E foi assim que eu comecei a enxergar, bem devagarinho, um mundo menos cinzento.



— Vai juntando, Tó, os pequenos pedaços de cor que encontrar. Eu vou pegar uns pra mim também. Assim, nosso mundo pode voltar a ser colorido — me disse Anna. E me deu um sorriso bem branco, do jeito que só ela sabia me dar. Esse sorriso me iluminou.



Hoje eu completo 11 anos. E minha aldeia está em festa. Vamos até a beira do rio buscar peixes que os homens trouxeram. A água do rio está cercada de mato verde. Os barcos são coloridos, os peixes são coloridos e deliciosos. As mulheres trazem temperos laranjas para a comida e panos vermelhos, azuis, verdes e amarelos para dançar e cantar.

Anna tem contas multicores nos cabelos. E o seu sorriso nunca brilhou tanto.



Para saber mais

Esta história foi inspirada na vida de crianças que vivem em regiões com conflitos armados no Sudão do Sul, país africano. Por causa da guerra, tiveram de deixar suas aldeias e fugiram para campos de refugiados. Lá, recebem apoio de pessoas que vêm de longe para ajudá-las. Além de instituições locais, há profissionais de vários lugares do mundo, que trabalham em diversas organizações, como o Médicos Sem Fronteiras, o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) e o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Uma história contada pela psicóloga brasileira do Médicos Sem Fronteiras, Débora Noal, inspirou este livro. Durante uma atividade com giz de cera na mão, a Anna, uma menina de 10 anos, não conseguia representar em cores os seus sentimentos. “Estava tudo escuro e sem cores”, disse ela em uma roda de crianças. A sua vida havia perdido a graça porque ela teve de fugir da sua aldeia e não

sabia como reencontrar sua família. Para a maioria das crianças atendidas pela Débora, a felicidade era também a esperança de um dia ver de perto o rio e comer peixes.

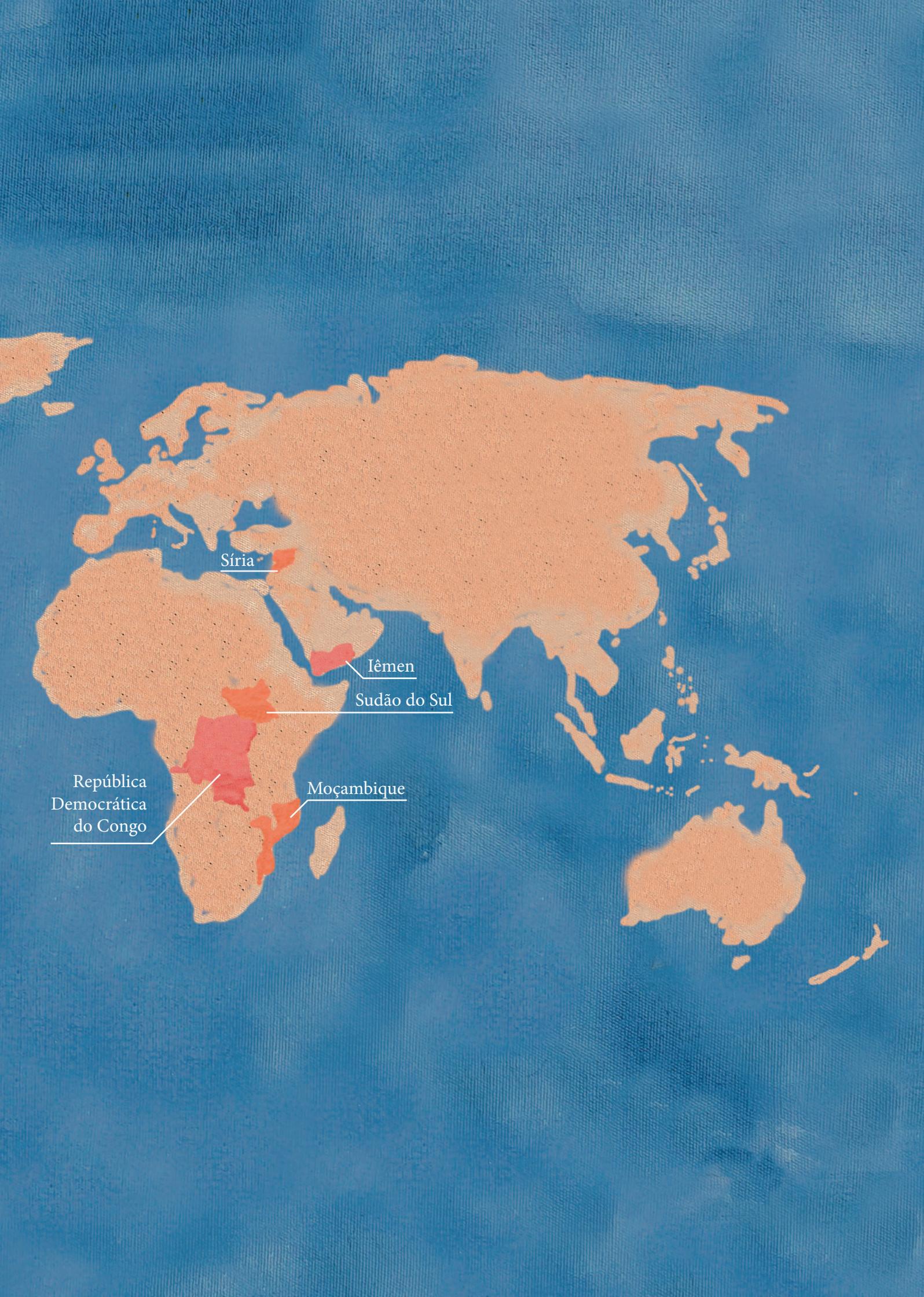
A partir da realidade daquela menina, aprendemos muitas coisas: que é na natureza que encontramos a simplicidade do mundo e a chance de reconstruir a paz. Aprendemos que é com os braços e a ajuda de outros seres humanos que podemos fazer deste mundo um lugar melhor para se viver. E, principalmente, entendemos que não há nada que justifique as guerras, nas quais quem mais sofre, em geral, são crianças e pessoas mais frágeis.

Em 2018, mais de 34 milhões de crianças do mundo inteiro viviam em meio a guerras, conflitos armados, ou sofreram com desastres naturais, segundo o Unicef. Esses meninos e meninas não têm um lugar seguro para brincar. São obrigados a deixarem de ir à escola e a ficarem longe de suas famílias. Muitos ficam feridos ou morrem por causa da guerra. Quando não recebem apoio e cuidado, as crianças ganham cicatrizes invisíveis que carregam pela vida inteira.

Veja alguns países onde existem, atualmente, conflitos e guerras: Sudão do Sul e República Democrática do Congo, na África; Iêmen e Síria, no Oriente Médio.

Outros países sofrem com desastres ambientais, como enchentes e terremotos, ou crises humanitárias, como falta de comida. Alguns deles são: Moçambique, na África; Haiti e Venezuela, na América Latina.





Síria

Iêmen

Sudão do Sul

República
Democrática
do Congo

Moçambique



A escritora brasileira Flávia Ribas é jornalista formada pela UnB e pela Universidade de Rennes, na França. Estudou literatura infantojuvenil em Barcelona e publicou seu primeiro livro infantojuvenil em 2019. Trabalhou durante cinco anos com os direitos da criança no Unicef no Brasil e foi voluntária das Nações Unidas na Guiné Bissau. É mãe de Ana Maisha, que tem 10 anos e foi gerada no continente africano, de onde vêm as inspirações para muitas das histórias escritas pela sua mãe.



A ilustradora Carmen San Thiago, natural de Rondônia, fez carreira artística no Distrito Federal. Formada pela Faculdade Dulcina, em 2003, Carmen fez pós-graduação no Instituto Europeu de Design e foi premiada, em 2017, com o prêmio Sesc Cândido Portinari de pintura. Além de aquarelas e pinturas em tinta acrílica, a artista trabalha com direção de arte para cinema e estuda teatro. Tem duas filhas: Gabriela, de 24 anos, e Beatriz, de 4 anos.

Vencedor do IV Prêmio Ufes de Literatura de 2019 na categoria Literatura Infantil, *As cores de Tó* é um livro de leitura fundamental: precisa ser lido em todos os cantos do mundo por crianças e principalmente por todos os adultos.

O livro de Flávia Ribas e Carmen San Thiago é inspirado num relato de Débora Noal, psicóloga da organização Médicos sem Fronteiras, acerca de uma atividade com crianças promovida no Sudão do Sul.

Este comovente livro mostra ao mundo o olhar de uma criança que, em meio às mazelas de uma guerra, via um mundo cinza, sem cores.

Com arte e sobretudo com muita sensibilidade, as autoras traduzem a visão de uma criança num mundo que passa a perder suas cores, seu brilho e sua gentileza. O leitor vai descobrir que precisamos de muito pouco para devolvermos as cores para um mundo dividido em fronteiras e imerso nas cinzas de conflitos desnecessários.

Gabriela Rodella (UFSB)

José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Paulo Roberto Sodré (Ufes)

 **EDUFES**